

MP pede auditoria na saúde

No Hospital de Base só há um oftalmologista e pacientes não são atendidos

ANDRÉ NOBLAT
REPÓRTER DO JB

Em audiência que deverá ser realizada na semana que vem, o procurador da República no DF, Luiz Francisco de Souza, pedirá ao ministro da Saúde, Humberto Costa, uma nova auditoria nas contas da Secretária de Saúde. O objetivo é investigar o mal uso do dinheiro público no setor. Ontem à tarde, a falta de médicos fez com que o metalúrgico Jefferson Rodrigues de Oliveira não conseguisse ser atendido no Hospital de Base.

Com o olho esquerdo irritado, o metalúrgico chegou ao hospital depois de passar um noite inteira sem dormir. Na cama, toda vez que tentava fechar os olhos: um pequeno pedaço de metal entrara no seu olho na manhã de segunda-feira enquanto trabalhava. Ao meio-dia de ontem, a dor era tanta que ele foi dispensado do serviço para ir ao médico. Saiu às 14h da Candangolândia com destino ao maior hospital público de Brasília. Uma hora depois descobriria que não seria atendido.

“informações sobre nosso trabalho estão à disposição” Por ter chegado no período da tarde, não havia mais senhas para pacientes. Ele poderia tentar a sorte e esperar até o fim do dia. Geralmente, a partir das 19h, quem não está na lista consegue ser atendido. Mas nem isso o metalúrgico pode fazer. O único oftalmologista disponível estava em uma cirurgia e, no Hospital de Base, se o oftalmologista está na sala de cirurgias, não há ninguém que possa substituí-lo.

– Vou voltar para casa. O que posso fazer? Dói muito quando fecho os olhos. Tenho medo de ficar cego – lamentava Jefferson.

Falta de médico também foi um problema para Alda Maria de Souza. Com 63 anos, a moradora de Samambaia sofreu um derrame no domingo e foi internada no hospital da Ceilândia. Ontem, a necessidade de exames neurológicos obrigaram mãe e filha a se deslocarem ao Hospital de Base. Segundo Odineide, na Ceilândia não existem neurologistas.

Deitada em uma maca no meio do *hall* de recepção do hospital, Alda não soltava a mão da filha. Sem conseguir andar, devido ao derrame, ela tinha medo de cair no chão. Com a roupa suja de vômito a paciente teve que esperar 40 minutos para ser examinada.

– Nos últimos três anos o governo Roriz recebeu mais de 3 bilhões de reais da União para a saúde. Queremos saber onde essa verba foi utilizada – disse Luiz Francisco.

Em outubro do ano passa-

do, o procurador fez uma inspeção surpresa no Hospital de Base e chamou de “quadro de horror” o atendimento prestado aos pacientes. A visita – motivada por denúncia da Associação de Brasiense de Médicos Residentes (Abramer) – aconteceu uma semana depois da morte de três pacientes por falta de remédios.

Naquela época, o Ministério da Saúde realizou uma auditoria num prazo de 15 dias. Insatisfeito com o pouco tempo de dedicado pelos técnicos à investigação, o procurador Luis Francisco solicitará agora ao Ministério da Saúde uma equipe de 30 a 40 auditores para trabalhar durante pelo menos seis meses.

Para o secretário de Saúde do DF, Arnaldo Bernardino, a iniciativa do MP é legítima. Ele lembrou que já promoveu uma série de auditorias internas e solicitou uma tomada de contas especiais para averiguar eventuais irregularidades.

– Nossas contas estão abertas e todas as informações sobre nosso trabalho estão à disposição do procurador. Só queremos que ele não use a auditoria como um instrumento incriminatório e sim como uma ferramenta que aponte caminhos para a melhoria do sistema – disse.

Bernardino assumiu a secretaria há 40 dias. Ele explicou que a crise na saúde foi devido ao orçamento reduzi-

do, às dívidas com as compras de remédios, à fiscalização ineficaz e falhas de planejamento.

O secretário fez questão de ressaltar que saúde será a prioridade dos próximos quatro anos de governo Roriz e que a situação do abastecimento de remédios em Brasília ainda é instável, mas está sob controle.

Ao retornar à sala de espera do Hospital de Base, após tentativa frustrada de falar com o diretor da instituição, a reportagem do JB flagrou as desculpas da atendente um paciente.

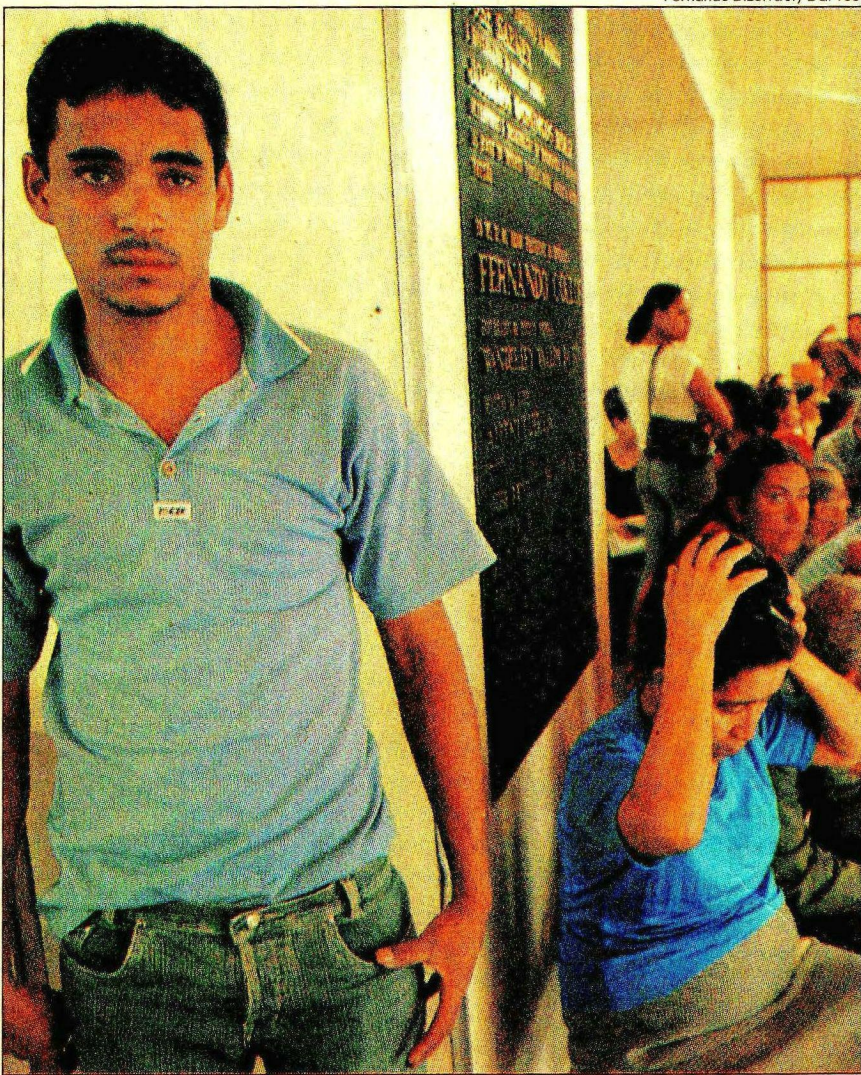
– Olha, não temos cadeiras de roda suficientes para todos que necessitam – explicava.

noblat@jb.com.br

Fernando Bizerra Jr./BGPRESS



Fernando Bizerra Jr./BGPRESS



Alda (Ao alto) e Jefferson não puderam ser atendidos com eficiência: respectivamente, com derrame e com um pedaço de ferro no olho, os dois tiveram tratamento diferenciado. Ela esperou horas no *hall* de entrada. Ele não conseguiu nem uma senha e não conseguiu ser atendido pelo único oftalmologista disponível